



Oguatá pytã: sentipensares poéticos em movimento

Fabio Turibo (Graduado em Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, FAIND/UFGD).

Felipe Mattos Johnson (Doutorando em Antropologia – Universidade de Lisboa, bolsista do Instituto de Ciências Sociais (ICS) em parceria com a Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT)).

Resumo: Este artigo-poema objetiva a partilha de sentipensares e afetos decorrentes das experiências de engajamentos e resistências face ao terror dos massacres projetados pelo Estado brasileiro e suas fúnebres consequências para os Kaiowá e Guarani. Além disso, são versos alimentados pela ação transformadora dos cantos-rezas-danças e da palavra-alma dos nhanderu¹ e nhandesy. Outros corpos-territórios ancestrais e periféricos aqui aparecerão em menções às periferias urbanas brasileiras e suas fissuras ensanguentadas pelos açoites das munições, nas terras ocupadas e pisoteadas por bois ou fardas, conjunção carnal que o Estado mobiliza para a aniquilação da nada minoritária dissidência. O objetivo é, conjuntamente aos deslocamentos, forçados ou caminhantes, dos povos que habitam Abya Yala, retomar poeticamente as memórias da catástrofe colonial e as retomadas dos Tekoha, ou a urgência do aquilombar-se face a desapropriação dos vínculos espaço-temporais das margens das margens. Os poemas se dividem entre os escritos dos coautores, onde intenta-se contextualizar e reverberar em prosa as passagens poéticas, criações que emergem de uma etnografia e escrituras em curso no sul do Mato Grosso do Sul, em terras Kaiowá e Guarani.

Palavras-chave: Poesia; Guarani Kaiowá; Engajamento; Etnografia; Sentipensar.

Oguatá pytã: poetic feeling-thinking in movement

Abstract: The objective of this paper-poem is to share feeling-thinking and affections emanating from experiences of engagement and resistance before the terror caused by massacres projected by the Brazilian State and its mournful consequences for the Kaiowá and Guarani. Besides, the upcoming verses are fed by the transforming action of chants-prayer-dances and the soul-word of the nhanderu and nhandesy. Other ancestral and peripheric body-territories will appear in references to the urban Brazilian peripheries and its bloodied cracks due to the whip of ammunitions in occupied and trampled land by bulls and uniforms, body conjunction mobilized by the State to annihilate the dissents. The objective is to, together with displacements, forced or through walking paths of the peoples that inhabit Abya Yala, retake poetically the memories of colonial catastrophe and the retaking of the tekoha, or the urgency of *aquilombar* against the disappropriation of space-temporal bonds in the margins of margins. The poems are subdivided between the writings of the co-authors, where they seek to contextualize and reverberate through prose and poetic passages, creations that emerge from an ethnography and living-writings taking place in the state of Mato Grosso do Sul, in Kaiowá and Guarani lands.

Keywords: Poetry; Guarani Kaiowá; Engagement; Ethnography; Feeling-thinking.

¹ Neste texto, considerando as diretrizes para autores da revista Ñanduty, optamos por manter as palavras em guarani *sem itálico*, por entender que não se tratam de estrangeirismos, mas sim de línguas originárias dos povos indígenas que habitam o cone sul do Mato Grosso do Sul e, ainda, guarani-falantes de outros territórios de Abya Yala.



I. Caminho vermelho

Os poemas que seguem, respiram e gritam manifestos ora vivos e desejanter, ora assombrados pela catástrofe, revoltosos ante a guerra desatada pelas naus que ao oceano gotejaram sangue partido, da ausência de uma África insubordinada, e culminaram nos ritos silenciosos dos Jara e Orixás. Nas ardentes matas, em rotas de fuga-refúgio, quilombos dançaram e retomadas paridas das Nhandesy e Nhanderu, rezadoras e rezadores Guarani Kaiowá, fizeram resplandecer os caminhos brilhantes das rezas em espaço-temporalidades não lineares, enquanto o bandeirantismo de ontem nos helicópteros de hoje fustigaram os morros, os campos, florestas e antigos Perobais. Cada fragmento nos poemas abrigado - fagulhas de um transe oscilante entre o ódio, a memória e o vagar do brotar – ecoam o *oguatá* como método de criação: caminhar com os Guarani e Kaiowá e acolher os ritmos e demandas do insurgir, em reverência à possibilidade de continuarmos a existir.

Intentaremos, nesse plural que nos habita em caminhadas nada solitárias ao longo e ao largo dos tekoha no Mato Grosso do Sul, romper a frieza cortante do kuatiá [papel] com sentipensares (Escobar, 2014) coletivos necessários para significar a realidade e afrontar os regimes de produção de verdades monocultoras, as anti-metáforas que se pretendem intransponíveis na imensidão das sementes *sem Jara*, ou seja, sementes mortas e sem espíritos-guardiões como ensinam os Guarani e Kaiowá ao pensar a transgenia e os efeitos do envenenamento dos seres vegetais por agrotóxicos. As sementes, os frutos dos cultivos nas Kokue, as roças tradicionais, são comparadas às crianças, em especial os cuidados necessários para o Avati Morotĩ, milho branco, segundo Anastácio Peralta (2022).

Iniciaremos, portanto, recordando a menina Raíssa, criança Kaiowá de 11 anos dilacerada pela violência patriarcal em agosto de 2021. O poema foi escrito após sua morte. Não repetiremos os detalhes do decurso dos acontecimentos que a matou, reproduzidos ao infinito nas tramas midiáticas, punitivistas, militaristas e municidadas das ferramentas que armaram aos assassinos, racializados pelas narrativas coloniais, de onde germinaram as trevas das palavras antes não conhecidas pelos povos indígenas: estupro, tortura, execução. Repertórios das coroas escravagistas para, ainda hoje, raptar



os condenados da terra – as vezes, aparecem nos Ministérios – como nos contínuos sequestros institucionais de crianças Kaiowá e Guarani de suas mães².

O catavento rosa, rodopiante na manhã de um dia de semana quente na casa da pequena Raíssa, soprava também os nomes de outras crianças. Raíssa foi assassinada pelo Estado brasileiro. Assim como Juan, na Favela Danon (RJ), em 2011; Marcos Vinícius, no Complexo da Maré (RJ), em 2018; Ágatha, no Complexo do Alemão (RJ), em 2019; João Pedro, no Complexo do Salgueiro (RJ), em 2020; Miguel, em 2020 (PE); e Mizael, em 2020, em Triângulo, Chorozinho (CE). Estado, raça e classe corporativamente acionados para o extermínio das periferias e corpos-territórios (Cabnal, 2010), voltam-se para o germe da nova quilombagem e das tessituras da memória que age frente a catástrofe, que “mais e mais passou-se a ver no próprio real, vale dizer: no cotidiano” (Seligmann-Silva, 2000: 73).

No encerramento da primeira parte desta experiência coletiva de criação e do mês de outubro – mesma época do canto da cigarra - a sonoridade das cigarras [nhakyrã] entoam a proximidade do tempo de guavira, mas também de frutas outras, sendo este poema oferecido como um elogio aos ensinamentos destes seres:

É normal nós ouvir o canto da cigarra em cada estação do ano. Para os Kaiowá indica que está começando mais uma época da guavira pytã. [...] As cigarras são conhecidas como nhakyrã na língua kaiowá e são classificadas de dois modos nhakyrã mirim omboajua guavira (que canta no tempo da guavira) e nhakyrã-guasú omboajua opáixagua yvã (que canta na época de várias outras frutas). (Mestre Kaiowá João Aquino, 2021, *apud* Pedro, 2021).

Com inspiração nas palavras de João Aquino, portanto, com os guavirais florescidos, aparecerá a partir deste poema quase conclusivo um assóvio do esperar que urge, em meio ao fim de um atrasado ciclo de chuvas torrencialmente arrebatadoras e aos tantos plantares de corpos que as datas revelam, intituladas de *Y* como a matriz originária *água* em Guarani, enraizada no *sy* – mãe – como força vital criadora primeva. Repletos de pólen, antes da transição para os poemas [do autor Guarani Kaiowá]³, o

² Karina Pinhão, amiga e pesquisadora do Centro de Estudos Sociais de Coimbra, desenvolve tese de doutorado acerca de maternidade e neoliberalismo, com o tema da remoção forçada de crianças Guarani e Kaiowá pelo Estado brasileiro de suas famílias. No aguardo de sua publicação, a referencio como importante e contemporâneo debate, baseado em sua imensa sensibilidade de mundo e militância, que nos auxilia e ensina a pensar neste debate.

³ A ser modificado após avaliação do artigo para o nome de um dos autores.



poema vertido em meio ao mandiocal celebra o reencantamento da existência⁴, cuja imaginação possível de sua prática é afirmada, intimamente, à busca pela retomada dos territórios ancestrais, à busca pelo Teko Araguayje, “jeito de ser maduro, perfeito, através do tempo” (Benites, 2021: 21).

Por Raíssa, rebelar-se

Catavento rosa

Sobre a casa de lona

Amarela

Onde descansa

A memória da catástrofe.

Nem 500 anos de Nhemyrõ⁵

No céu vermelho diante da calunga grande

Dos mares e terras de mãos dadas azuis

Onde Raíssa, em sua infinita infância

Flutua livre

Das cercas e arames que a pele cruza

Dos braços e corpos que dilaceram, arrastam e matam:

O Estado

O latifúndio

O domínio dos homens.

Hoje, com os encantados

Pequena menina, sopra tua ventania de vingança

E permita que teu nome entoemos

⁴ Segundo Eliel Benites, em conversas e escutas no espaço da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e nos também nos Tekoha, o reencantamento da existência é produzido com base nas relações criadas entre diferentes seres, possível através da reconstituição dos Tekoha.

⁵ O nhemyrõ pode ser definido como “Um aborrecimento que se constitua num obstáculo para a realização de um desejo leva a pessoa ao estado de nhemyrõ (definido como uma mistura de desespero, braveza e tristeza que se abate muito rápido sobre a pessoa). O nhemyrõ é um causador de suicídio.” (Pimentel, 2007: 7).



Para dizer ao povo que avance.
O sangue na pedreira irá secar
Mas sua mancha para sempre
Veremos estampada, no açoite dos tempos
Até que tudo
Refloresça
E nada menos aceitaremos
Que a digna rebeldia das flechas
Atravessem o trauma como ao peito da morte.

Cada vez que girar
O catavento
Saberei do teu regresso.
Cada vez que girar
O catavento
11 vezes repetirei teu nome.
Que todas as infâncias
Vivas
Em tua memória
Desenhem abrigos arbóreos
E te recebam
Nas margens dos rios
De um tekoha recuperado
Tecido das sombras
E dos escombros.

Risco

Outra vez
Acendemos velas.
Inescapável silêncio das almas



Que colorem as nuvens de Ágatha -
Seu sorriso
em nossas bandeiras, nas formas da chuva
E Marcos Vinicius
Caminha ao lado dele, okê arô
Professor dos guetos
Ofá são as pedras que brincava João Pedro
Viram do avesso -
Arremesso,
Palestinos da nova catástrofe
Tão cedo nos ensinam a navegar
no pranto, desaguar na fúria
Tão logo o céu desabar
Pois não há amparo para o firmamento
O peso
das leves crianças murmura:
nunca mais.
E na fronteira dos mundos
Juan retorna às praças com multidões
Novo orixá.

Miguel virou condor:
Abre suas asas e devora os resquícios da supremacia
Ainda que não o atinjam caçadores
Cujo séquito assombrou pesadelos
de Mizael,
Hoje rastilho de luto.
E ele acordará no fim da tormenta
Para celebrar a ruína da pátria
E das minas de Potosí.



Qual é o futuro

Da memória?

Y

25 de novembro, 1983

13 de janeiro, 2003

09 de janeiro, 2007

08 de junho, 2007

Maio de 2009

30 de outubro, 2009

18 de novembro, 2011

19 de fevereiro, 2013

29 de agosto, 2015

14 de junho, 2016

21 de maio, 2022

24 de junho, 2022.

14 de julho, 2022

13 de setembro, 2022.



Descaminhos⁶

Invade outrora
E deixa arder o pranto
Incomum devora
Cobrando endêmico, por onde passa
Os roçados cautelosos
De alagamentos estacionários
Em estações chuvosas que descobrem
Ampliando panoramas reticentes e abrasivos
Retornos de ontem.

Amargura crava
Apertos reversos na simetria injusta do centro corpóreo
O solo compacto enforcou raízes
Nem os fungos
Nem as bactérias
Proliferaram.
Mas a dor
Alastrou,
Braquiária irrompida indicando a falta
A miséria
A perda, a vastidão desolada e faminta
Da figueira,
De viver uma coisa de cada vez.

⁶ Os primeiros três poemas optamos por mantê-los em um fluxo quase contínuo de leitura, sem separação de páginas, para causar precisamente um efeito de entrelaçamento: 1) o nome entoado está no silêncio da quebra de página, para então dizer ao povo que avance; 2) após Raíssa, um novo acender de velas em outras margens do território ocupado pelo Estado brasileiro; 3) o futuro da memória antecede as datas selecionadas, na memória dos autores, que rememoram massacres e assassinatos de indígenas Guarani e Kaiowá em tempos recentes. A partir de “Descaminhos”, os poemas serão divididos por páginas.



Flutuo ladeado de redemoinhos
E estendo as mãos para tocar o oculto
Mancha amarela-turquesa que dissipa
Atormenta pretéritos,
esvazia os sulcos do despreparo -
Tempo.
Irregular e indistinto
Âmago.

A falta de rumo encaminha
Onde os sonhos
De menino
Se perderam.



Encontro de poetas com fuzis e mbaraká

Vagando insólito estou onde habito
Me aqueço em outra pele que me cobre
Cancioneiros de barricadas passadas
Suavemente,
Entoamos
Humildemente,
dispondo das horas para rememorar o sonho
Enquanto outros sonhos
Possíveis e aquarelados
Como o caracol, tingem transparente
O rumo intangível das sutilezas
Tão alcançáveis
Quanto a árvore frutífera:
Ela não está, afinal, em chamas
Seus frutos colorem o chão
E ao toque das mãos
Se desprendem
Aceitam a absorção do porvir, pois
Em seu cerne
São nossos ramos sombreando o céu
E me encanto
Me encanto outra vez
Com as mínimas interferências
dos sentimentos simples
e das palavras fugidias.



Amanhecerás, nhakyrã⁷
Junto a mim, quando findar
O quarto ciclo da lua?
Cigarra-coruja rebelde que aos guerrilheiros lhes disse:
Desabaremos juntos o mundo, e tuas vozes
Subalternas
Serão meu crocitar
A cadência própria indefinível de quem voa
E tudo vê
Combatente oculta
Pachakuti remanescente,
Manifesto criador do desdobramento arbóreo
Mingua os males que assolam a terra
Desmedida reviravolta que confere sentido
Hoje sinto.
Vejo vínculos.
Ofegante, aceito o céu aberto de nebulosas
Inesperados ñembo'e⁸ onde adormeço
Atraído pela luz
Descrever, de longe, cenários idílicos na geografia da presença
Quem poderia melhor respirar, senão atravessados
Pelo furacão
De olhares fixos e mutáveis?

Reaprendi o princípio do significado
Do reconhecimento
Não esquecer do adeus como elo adormecido
Do novo céu sobre as novas frutas.

⁷ Nhakyrã: palavra guarani que significa Cigarra.

⁸ Uma das denominações possíveis de “reza” para os Guarani Kaiowá.



Me pinta de urucum
Me preenche de nossa imperfeição
Os deuses nos canibalizam e somos ainda
Redenções de cipós entrelaçados.

Mborahei, guahu
Kotyhu
Anuncia as chuvas do novo
Goteja e alma, lamento e chegada
Prepare-se, envolta de terra
Antes do canto e voo
Derradeiro, rasga-peito com a verdade da palavra-alma
Trazendo aos velhos rezadores lembranças dos que se foram.

Sai de dentro
Do exoesqueleto
Nova forma com múltiplas asas:
Nhakyrã,
Canta comigo
nas margens
do mundo.



No Mandiocal

Entre os galhos do cajueiro
O sabiá.
Me dizia, nas tardes da chuva que não caía
Que não sairei daqui
Yvyryryi, onde a terra treme
El llanto es el ritmo que llena
Llega y viene
Do outro lado aprendo a manejar explosivos
Hoje marcas na minha mão.
Ensaio,
Lá e cá, desmaio
Desassossego e peito rígido
Nos dramas que decaio
Os pulsos firmes segurando vento
As grades do detento
Pensamento fixo, denso e lento
Me encosto
Nos ombros
Da ternura.
Sempre desatento, reacendo incêndios
Onde jamais choveu.

Verde água
Verde rosa
Verde escuro
Colunas de cipós, cores
Fungos viram flores
Y la mariposa ardiente en el sol brilla
Este sonido -



O mundo desabando e os tambores
Laroyê!
A pedra certa e os meus pés devolvem
O caminho de onde viemos
Absorver
Não sabemos, ou no passado
Escondemos sob os pecados
Mas ninguém vai se perder de novo
No toque da mata nasceu
Nos olhos da onça
Onde eu cresci.

Irrompe
Da semente do milho
Serpentes e riachos,
Em nosso segredo - nas frutas, nos cachos
Sussurram
Novos mundos.



II. Fragmentos poéticos da realidade Guarani Kaiowá

Os poemas a seguir⁹, escritos por Fabio Turibo, são memórias e olhares de um jovem que caminha – da aldeia para as ruas da cidade grande, onde nas ruas viveu; e das ruas retornou para os tekoha, sendo o autor relacionado ao primeiro conselho que deu origem à Retomada Aty Jovem, grande assembleia da juventude Guarani e Kaiowá. São poemas de escrivência (Evaristo, 2020) abrigados no corpo e na terra: ensinamentos da retomada de Jeruve’i¹⁰, na beira do rio Vacaria, onde começou a escrever. Mas o corpo já tecia seus rastros, em memórias que desaguam em papéis que falam. São poemas que nascem, primeiro, na palavra dita ou não dita, no que há de mais corpóreo da palavra-alma.

O Menino Kaiowa

Aquele guerreiro que sonha
Sonhei na minha caminhada
Sobre o som,
Mbaraká.

Sobre a reza,
Sempre levarei comigo, ogwatá
Esse menino vem com sonho
A permanência
Da resistência,
Da fé,
Sempre nas lutas do dia a dia
Escutar
A mensagem que chega na madrugada –

⁹ Os poemas fazem parte do TCC do autor, intitulado Tape rupi ogwatá jeporakakatu: poéticas da realidade Kaiowá (2022).

¹⁰ Tekoha onde o autor residiu.



Andar pra conquistar
Através
do Mbaraká.

Mas no coração representa,
O bom é saber ouvir
A troca do conhecimento
Vem a mim, vem pro coletivo,
Assim é a caminhada
Desse menino.

Opressão

Vieram pra exterminar
Pelo ar
Pela terra
A farda preta tava lá.

A missão é fazer a reintegração.
Só podia ser mais um
A mensagem do Estado
Agindo na base da opressão
O campo de ação é no Tekoha
A justificativa é impedir a invasão -
Cidadão, não é invasão...
É retomada!
No diário de nota, vão justificar: “é proteção”.
Essa é a ação, proteção com opressão
Lá vem o discurso do Estado, depois da retaliação
Na direção vai a nossa manifestação -
Tekoha é vida, justiça e demarcação.



Tekoha Em Perigo

Viu na calada da noite, na virada da madrugada ataque constante,
Um telefone sobre sair, uma ordem dos representante
O Estado faz a sua reação, em defesa do patrimônio
Onde sistema dá a proteção.

Na comunidade as crianças e moradores ficam sem saída,
Na mira do estado, um guerreiro se vai
Cada sangue se derrama nesse chão, e o Estado com sua opressão,
No presente, em menos de 24 horas
Mais um corpo de um guerreiro recebe a identificação
No lacre do caixão.

Esse é o projeto do Estado:
A caneta e uma farda fazem valer o plano.

24 de Junho

Sempre uma família na mira de um cano,
O pequeno relato de quem se salva
Do ataque do pisão que recebe da segurança do Estado,
Já faz você entender, como anda a realidade
Nesse chão do agronegócio

Defesa do bom negócio
A vida Indígena na pauta vale menos,
Hectares onde tem valores
Uma saída ali: podem ser chamados de invasores

A caminhada pelos guerreiros que se foram nasce todo dia.
Um grito de resistência, e permanência na retomada
Essa é a caminhada Guarani Kaiowá - seu destino ainda é seu Tekoha.



Munição

Um pouco olhar diferente por esses jovens Kaiowá,
Do Tekoha à cidade, muitos caminhos perigosos por essas regiões
O jovem Kaiowá por aqui tem resistido
Mesmo assim, por aqui como jovem,
Vou levando a vida como pode,
Um radinho de pilha pra acompanhar a notícia da região e do Brasil
Notícias do povo,
Muito má, o que vem acontecendo com povo que luta
Pela sobrevivência da natureza e família,
Até agora o que vemos é cinza que vem cobrindo o verde.

A luta aqui e lá,
Devo falar
A realidade daqui.
Por aqui existe o bichão de ferro quebrador de barraco dos Tekohas
E a quadrada que exibem na cintura, com sua camioneta
Fazem o terror na divisa da retomada
Por essas situações, muitos guerreiros da luta por seu Tekoha
Tombaram,
O resultado da investigação, sempre não dá em nada
Na calada da noite, o dinheiro é o que mais rola pra gravata preta
A notícia assim não passa na TV,
A mídia vai falar que é cartucho de borracha
Pra comunidade que vive e vê, é cartucho de metal,
Tem muitos depoimentos de jovens e guerreiros
Que relatam o que viveram nas suas retomadas
Essa dura realidade dos jovens Kaiowá,
Quando vão pra retomar
O sagrado Tekoha.



Calçadas das cidades

Toda vez que sentava naquele chão,
Logo se passava um filme na minha memória
E sentia algo no meu coração
Via na minha mente uma explicação:
Sou um Indígena
Que foi expulso
E abandonado
Onde Estado dava suporte
Ao latifundiário.

Não era pra ser assim,
A violência de expulsão aconteceu sim
Minha família é a prova
O lugar que sobrou pra nós e pro meu povo
Foi a beira da estrada.
A calçada da cidade me fez refletir,
Essa é a imagem que roda na minha memória.



Eu sou o Tekoha

Meu corpo está passando por uma fase ruim,
Pra cima deveria ser o meu crescimento,
Agora chega o fim.

Esse líquido que cai sobre mim
Destrói a mente e a vida
O meu corpo e o meu tekoha,
Só quero falar: é preciso preservar
A vida dos Guarani Kaiowá
Preservar e recomeçar
A retomada e a caminhada
Preservar e reflorestar.

Na estrada do Mbaraka
O que vem é o som
A calma alma e a voz do coração,
No sentimento para quem precisa desse tom,
O som é transmissão
Onde se conecta a conexão
De cada batida,
De cada toque,
De cada reza,
São mensagens de cada guardião,
Transmitidas para o nosso ancião.

O mbaraká chama,
São adjuntos da cura e da alegria de quem escuta.



Na Cama De Pedra

A cama era uma calçada,
O cobertor sempre foi um papelão, só pra começar,
O frio foi a companhia que senti na madrugada.
Sente a realidade, minha e da comunidade
É um relato
Pode ser também dos outros
Quase ninguém tem oportunidade pra escrever o seu
Tô aqui escrevendo o meu.

Só pra refletir, passei e senti,
Era momento pra retomar, senti a cama de pedra
Comecei a caminhada, a resposta para mim é resistência
Não deixei de acreditar no meu sonho
Tô aqui rascunhando o meu roteiro
E dos guerreiros que se foram, para outros caminhos,
Quero aqui deixar para cada um, esse relatório:
O frio que batia na madrugada em mim
Lá na retomada também faz assim
É uma história que quase não tem fim...

A Minha Vida Sobre A Caminhada

A fome foi companheira da retomada, resistência foi energia pra continuar.
O tempo mostrou o caminho da batalha
Onde a fome foi o meu incentivo pra rezar
Água dos meus olhos foi a chuva que semeou
A semente do meu coração
Na caminhada a minha cama foi um papelão
Sobre a minha vida o travesseiro foi o chão
Mas no fundo, tava com a mãe,



Deitado no seu colo
A mãe-terra falando comigo
Quando estava viajando na conexão,
Veio até o meu coração.

Por isso não deixei o preconceito e discriminação
Tomar conta da admiração,
Das outras caminhadas
Precisei fazer a minha narração
Desenhar o meu roteiro.
Por isso, dentro do meu coração
Me sinto um guerreiro.



Tape rendy

Oimē tape rendy,
Oimē tape porã,
Tape onhemoi jeho hagwa,
Upe tape omombeu mbaraka onhedujave.

Tape pyhare

Anike pegwata pyturupi,
Pegwata ará hendyrupi,
Upe pyharegwa noíry nhande resapaverupi,
Upeagwi enhagarekorã tape pyhare.

Tape rendire rupi

Apé Oimē, oí jeho hagwã,
Ko tape hendyré onhemombeu mba'e porã,
Ko tape omohendy, omohendy mba'e reko porã,
Nhande reko, nhande rekoha, upea nhande mbovyaha.

Tape Nhe'e

Tape nhemompuã onhe'ê jave
Ypepy kyre'y oho tape porã
Heta quente omonhesyrû, jerosypy.

Tape Mbovyá

Atopa upe kunumi porã taperehe
Xe mbovy'a porã xe pe'a upe pytûkwagui
Xe moí Ary hendyré, koanga vy'a há Tory porã.



Considerações finais

Este artigo-poema, uma experimentação coletiva e criativa de dizer, jorrar e comunicar de outras formas, é um fluxo de prosa e verso que tentou tocar e adornar os limites do papel e do texto acadêmico com sentires e afetações (Favret-Saada, 2005) do existir e lutar em terras Guarani e Kaiowá, nas fronteiras ensanguentadas do *agro* e nas meticulosas roças e crianças-sementes que aqui habitam.

O trânsito entre poemas indica caminhos entre periferias e insurgências, nascimento e morte, tekoha recuperado e suas gerações diante de monoculturas no percalço. Entre os jara, orixás e cigarras, buscamos a hospitalidade do espaço aberto de interpretação e coleta dos sentidos que a poesia indica, imbuída de inquestionável confronto anti-sistêmico em busca de tecer e re-tecer as memórias aqui partilhadas para um espaço-tempo futuro, um espaço-tempo *maduro e imperecível* como Araguayje e Marane'y (Pierri, 2018).

Ainda, nos propomos a elaboração de um diálogo intercultural e interperiférico no contexto da escrita poética e das referidas experimentações antropológicas. Estas, incitam a multiplicação de imaginações e perspectivas etnográficas e seus cruzamentos com os versos, mais do que com prosa, onde um poeta Kaiowá e um poeta não-indígena repartem vivências e partilham trajetórias de vida, de lutas, de amizade e sonhos arborescidos e/ou rizomáticos pelos novos mundos possíveis que já existem – nas retomadas, nos quilombos, nos territórios autônomos, nas insurgências. Experimentar a não-convencionalidade na escrita antropológica pode romper com a monocultura da ciência no papel, desvelando caminhos estreitos no percorrer das estrofes, ritmos e imagens que tecemos com a inspiração das poesias ancestrais: o ñembo'e, o guahu, o kotyhu, o guachiré e nhengara (Turibo, 2022).

Oguatá pytã - o caminhar vermelho - também ruboresce o caminho.



Referências

BENITES, Eliel. 2021. *A busca do Teko Araguayje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá*. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados.

CABNAL, Lorena. 2010. *Acercamientos a la contrucción de la propuesta de pensamiento epistemológico de mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya-Yala*. *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. ACSUR, p. 11-25.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência*. In: [CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência - YouTube](#). (acessado em 24 de outubro de 2022).

ESCOBAR, Arturo. *Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín, Colombia: Ediciones UNAULA.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, Rio de Janeiro, 13:155-161, 2005.

PEDRO, Marildo da Silva. 2021. *Floresta, animais e insetos: conhecimentos tradicionais do povo Kaiowá no Tekoha Panambizinho*. Dissertação de Mestrado em Entomologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Federal da Grande Dourados.

PERALTA, Anastacio. 2022. *Tecnologias espirituais: reza, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani*. Dissertação de Mestrado em Educação e Territorialidade, Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados.

PIERRI, Daniel Calazans. 2018. *O perecível e o imperecível: Reflexões guarani Mbya sobre a existência*. Editora Elefante. São Paulo.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2000. “A história como trauma”. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Catástrofe e representação*. p. 73-98. São Paulo: Escuta, 2000.

TURIBO, Fabio. 2022. *Tape rupi ogwatá jeporakakatu: poéticas da realidade Kaiowá*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Humanas), Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados.